



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

ÉRIKA VIEIRA DE OLIVEIRA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

**CAMPINA GRANDE
2020**

ÉRIKA VIEIRA DE OLIVEIRA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48e Oliveira, Erika Vieira de.
O ensino de filosofia no ensino médio [manuscrito] : desafios e possibilidades / Erika Vieira de Oliveira. - 2020.
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Ensino de filosofia. 2. Educação. 3. Ensino médio. 4.
Prática docente. I. Título

21. ed. CDD 107

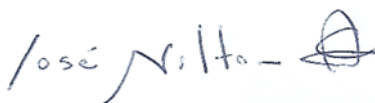
ÉRIKA VIEIRA DE OLIVEIRA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

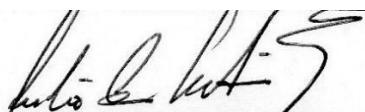
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em: 17/12/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda
(Orientador) Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Julio Cesar
Kesting (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)



Prof.^a Dr.^a Marianne Sousa Barbosa
(Examinadora) Universidade Federal de Campina
Grande (UFCG)

Dedico este trabalho ao Deus criador,
a minha querida mãe Eliete Vieira e ao
meu amado filho Pedro Saulo.

“É conhecer sua história, adquirir uma série de habilidades argumentativas ou cognitivas, desenvolver uma atitude diante da realidade ou construir um olhar sobre o mundo ” (CERLETTI, 2009, p. 32).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	8
3 COMO CONCEBER O ENSINO DE FILOSOFIA	10
4 OS DESAFIOS PARA O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	13
5 O ENSINO DE FILOSOFIA COMO POSSIBILIDADE	15
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	18

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Oliveira, Érika Vieira de¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar e investigar os desafios enfrentados na docência e as possibilidades do ensino da Filosofia no Ensino Médio, seja inserida como matéria obrigatória na grade curricular ou trabalhada de maneira interdisciplinar, seja pautada na transmissão dos conteúdos ou no desenvolvimento de habilidades, o ensino de Filosofia é sempre desafiante. Buscando problematizar as dificuldades existentes e explorar as possibilidades de superação para se realizar um ensino com qualidade, apresenta-se o caminho de uma exposição histórica da Filosofia, ou de aulas interativas que possibilitem aos alunos desenvolver a capacidade de pensamento reflexivo, criativo e crítico, crendo que esta experiência educativa seja capaz de promover a emancipação do educando. Através de pesquisa bibliográfica, da experiência de estágio e do aprendizado em sala de aula, enfrentou-se o desafio de se ensinar Filosofia no âmbito de um modelo de educação e de sociedade pouco filosóficos. Para tanto, encaramos essa prática como ação política e concebemos o professor como militante da Filosofia. Assim, esta pesquisa apresenta que mesmo diante dos enormes desafios, o educador pode encontrar caminhos para realizar um ensino de qualidade e capaz de instigar os educandos a reconhecer a importância da Filosofia no seu cotidiano social, político e econômico.

Palavras-Chave: Ensino de Filosofia. Educação. Ensino Médio. Pensamento crítico.

ABSTRACT

This article aims to analyze and investigate the challenges faced in teaching and the possibilities of teaching philosophy in high school, whether inserted as a mandatory subject in the curriculum or worked in an interdisciplinary way, whether guided by the transmission of content or the development of skills, teaching philosophy is always challenging. Seeking to problematize the existing difficulties and explore the possibilities of overcoming in order to carry out quality teaching, the path of a historical exposition of philosophy, or interactive classes that enable students to develop the capacity for reflective, creative and critical thinking, is presented. believing that this educational experience is capable of promoting the emancipation of the student. Through bibliographic research, internship experience and classroom learning, the challenge of teaching philosophy within a non-philosophical model of education and society was faced. Therefore, we see this practice as a political action and conceive the professor as a militant of philosophy. Thus, this research shows that even in the face of enormous challenges, the educator can find ways to carry out quality education and is capable of instigating the educated to recognize the importance of philosophy in their social, political and economic daily life.

Keywords: Philosophy teaching. Education. High school. Critical thinking.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

1 INTRODUÇÃO

A inclusão/exclusão do ensino de Filosofia na grade curricular das escolas de educação básica, na história recente do Brasil, perpassa por um viés de cunho político ideológico com finalidade e direcionamento mais próximos de interesses enviesados que dizem respeito aos fatores políticos, econômicos e sociais que vigoram naquele momento histórico. Interesses esses que estão atrelados ao modelo de cidadão que se deseja constituir na sociedade. Lamentavelmente, o modelo de cidadão desejado para aquele momento não precisava da Filosofia para ser realizado. Pensava-se mais em uma educação técnica do que humana e cidadã.

Como uma referência filosófica importante devemos recordar que a qualidade da educação é para Platão (379, a. C) um indicador do grau de civilidade dos integrantes do Estado. Em seu livro “A república”, o autor elucida que aos mais sábios é incumbida a obrigatoriedade de ensinar aos mais jovens, noções de conduta ética e moralidade para que assim se cunhe no seio das gerações futuras a necessidade da manutenção de um estado justo.

O ensino/aprendizagem da Filosofia não pode ser entendido como um mero capricho, ou como algo que pode ser excluído do debate em diferentes níveis da educação de jovens e adultos, pois é através do estudo da Filosofia, que se estimula o pensar dos indivíduos.

O debate acerca da inclusão ou exclusão da Filosofia como disciplina na educação brasileira provocou mudanças na forma como essa é percebida em termos acadêmicos. Em algumas instituições educacionais a Filosofia foi excluída da grade curricular, isso prejudicou a estruturação de sua identidade e seu papel enquanto disciplina (HORN, 2000).

Por vezes, a Filosofia como matéria acadêmica, se situou como provisória não possuindo um cunho obrigatório, Horn (2000, p.18). Dessa maneira, a presença da Filosofia, enquanto prática de ensino, se comparada a outras áreas do conhecimento, possuía caráter facultativo e praticamente não exerceu influência sobre os rumos e a estrutura do sistema brasileiro de ensino.

Diante do evidenciado, é notório a fragilidade vivenciada pela Filosofia e seu ensino, desde a sua exclusão pelo Regime Militar até ser inserido como componente curricular obrigatório, porém sempre sob o risco de ser excluída do sistema de ensino. Assim, faz-se necessário pensar sobre o porquê ensinar Filosofia? De que maneira ensinar? Qual o papel do professor quando sua função é ensinar Filosofia?

Em sua investigação sobre o ensino da filosofia Horn conclui que:

Dessa pesquisa, verifiquei que o entendimento do ensino de filosofia esteve amplamente embasado em um modo de transmitir um conteúdo da tradição filosófica e no melhor método para fazê-lo, o que restringiu a possibilidade de pensar esse nível de aprendizado como uma experiência de pensamento. Além disso e sobretudo, pude notar que a ausência de uma reflexão sobre a filosofia e o seu ensino não era tributária apenas do Departamento de Filosofia da Unesp de Marília, mas parecia uma tendência histórica inerente à formação universitária brasileira. (HORN, 2000, p.35).

O retorno do ensino obrigatório da Filosofia na “Lei nº11. 684/2008, que alterou a Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)”, e esse retorno fez aflorar novas discussões nos centros acadêmicos, ampliando assim seu viés investigativo, propondo reflexões filosóficas acerca das especificidades do ensinar e aprender Filosofia.

Estas pesquisas, em sua grande maioria, possuem como objetivo central analisar e investigar os desafios enfrentados na docência e as possibilidades do ensino da Filosofia no Ensino Médio inserida como matéria obrigatória na grade curricular ou trabalhada de maneira interdisciplinar, pautada na transmissão dos conteúdos ou no desenvolvimento de habilidades.

Pretendendo apresentar que as dificuldades existem, porém existem também as possibilidades de se realizar um ensino com qualidade, que não se limite a uma exposição da história da Filosofia, mas explore as possibilidades de construção de aulas interativas que possibilitem aos alunos a capacidade de desenvolver pensamentos reflexivos, criativos e críticos que contribuirão para promover a emancipação do próprio educando.

2 A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Ao pesquisar sobre o ensino de Filosofia como disciplina ministrada no Ensino Médio, constatou-se avanços e recuos. Elenca-se que a Filosofia foi inserida como disciplina entre os anos de 1920 a 1930, é na década de 60, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que a filosofia começa a vigorar na base curricular, porém o seu ensino figura como incipiente.

Nessas escolas, entretanto, muitas vezes as aulas eram ministradas por profissionais não licenciados em Filosofia, a disciplina era ministrada de forma simplista sem proporcionar as articulações necessárias para a descoberta dos saberes filosóficos e a construção da autonomia, a fim de preparar o educando para as realidades vividas; a Filosofia era considerada como distante da realidade e sem qualquer relevância para os problemas cotidianos e a formação dos cidadãos.

Mesmo que a LDB 9.394/96 – no seu Art. 35 - ressalta que para o desenvolvimento do educando como pessoa humana, se faz necessário incluir a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, na prática educativa não se prioriza instrumentos para realizar tal intento.

Foi a partir de 2009, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB - nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que, com as suas respectivas alterações, fora permitido que a filosofia passasse a fazer parte da grade curricular como disciplina obrigatória.

Esse fato histórico obrigou os professores de todas as áreas das ciências a reconhecerem que a Filosofia, como disciplina teórica e reflexiva, se interliga com todas as demais áreas do conhecimento, de forma simbiótica. O reconhecimento deste fato implica que ao ensinar filosofia, proporciona-se aos educandos a aquisição de competências para que possivelmente sejam capazes de responder aos desafios postos pela sociedade cada vez mais globalizada que se evidencia atualmente.

A Filosofia é concebida como um instrumento fundamental para preparar os estudantes para o convívio e a profissionalização em uma sociedade globalizada e competitiva, pois ela se constitui como uma “disciplina formadora por excelência, a filosofia dispõe de recursos valiosos para fornecer ao estudante conhecimentos sólidos e permanentes, que ultrapassam a informação superficial e efêmera” (DIMENSTEIN *et al.*, 2008, p. 3). Deste modo, com a inserção obrigatória da Filosofia no ensino médio, os professores dispunham de um recurso educativo primordial, pois é notório que o conhecimento filosófico possui características de um saber com relações mútuas nas diferentes áreas do conhecimento, capaz de provocar inquietações, promoção de novas ideias e modificações na forma de

pensar e agir, podendo contribuir de forma decisiva para a construção da autonomia do educando.

A promoção de estímulos intelectuais ocorre por meios diversos, porém é na sala de aula que o professor possui maiores oportunidades para fazê-lo de modo sistemático, uma vez que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio do Brasil:

O educador tem que proporcionar o conteúdo programático onde se faça presente o debate com o aluno de forma desejável, através de materiais metodológicos e didáticos que possibilitem ao educando discutir as situações que foram criadas e repassadas pelo educador. [...] para o aluno por sua vez, aprende a negociar seus interesses no conjunto de outras preferências é uma das mais ricas conquistas da aprendizagem. Como em tudo o mais, depende muito de que o professor seja capaz de uma dedicada abertura pedagógica [...], pois o debate é importante para que o indivíduo desenvolva sua cidadania (BRASIL, 2000, p. 346).

O ensino da Filosofia é passível de ofertar para os estudantes uma produção pedagógica fundamentada nas comprovações dos conhecimentos, permitindo assim aos educandos que ao final da educação básica sejam capazes de “identificar e enfrentar as várias situações do seu cotidiano através de enfoque para o diálogo crítico de forma fundamentada e consciente, que não use um discurso transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo” (FREIRE, 2011, p. 28).

Uma construção pedagógica que seja capaz de superar a transmissão de conhecimento distanciada da realidade dos educandos é tornada possível quando se busca uma articulação pedagógica que perceba a necessidade da fuga do processo de alienação, que busque promover um indivíduo autônomo e reconheça sua capacidade enquanto cidadão a fim de educar um indivíduo com autonomia de pensamentos, com capacidade de decisão e criatividade nas soluções dos problemas.

A aprendizagem da Filosofia tem potencial para desenvolver o pensamento crítico nos educandos, pois quando articulado com a realidade vivenciada por esses pode ser capaz de fazer surgir uma necessária consciência crítica, tornando-os aptos a compreenderem o seu papel e responsabilidade na sociedade. A articulação com outras áreas do conhecimento é verificada quando o educando, buscando a construção de saberes diversos se torna capaz de usar o pensamento crítico (constituído por meio da aprendizagem filosófica) para promover ações transformadoras da sua realidade, “podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes humanos” (CHAUI, 2008, p.17).

A fundamentação pedagógica da Filosofia no ensino médio não se apresenta dissociada da sua finalidade no contexto da educação básica, que também integram e enfatizam noções de cidadania, “não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou, pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão” (FREIRE, 2011, p. 34).

Se a Filosofia assume importância no âmbito de todos os níveis da educação, mais ainda deve ter ressaltada sua importância na educação de base, pois o cidadão ou é formado para o compromisso com a sua sociedade desde o início do seu processo educativo ou nunca poderá construir uma compreensão do seu papel na sociedade. Assim, considerada como uma disciplina crítica e reflexiva, a Filosofia tem essa importante função social, política e educacional, pois possibilita ao educando capacidade de reflexão, proporcionando ações mais assertivas diante da

necessidade de tomadas de decisões pautadas em opiniões próprias, como por exemplo, o ato de escolher os seus governantes.

3 COMO CONCEBER O ENSINO DE FILOSOFIA

Ao falarmos de Ensino de Filosofia imaginamos que só podemos seguir nossas aulas de acordo com os textos dos filósofos consagrados, aqueles que aparecem como grandes nomes da História da Filosofia. Segundo Deleuze e Guattari (2006, p.11), “a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina de criar conceitos”. Dessa forma, o professor de Filosofia não deve considerar a Filosofia como simples reflexão sobre textos consagrados na história, ou contemplação de ideias abstratas sobre temas obscuros, por isso não se deve limitar o fazer filosófico a um único conceito ou definição restritiva, pois a Filosofia é criação, necessita ser fabricado, os conceitos são criados a partir de problemas reais, que tocam diretamente a vida dos educandos. Cada conceito deve ser relacionado com fatos importantes da sociedade e da vida dos estudantes. O solo da reflexão é o plano da própria realidade vivenciada, pois “[...] esse plano é o próprio solo dos conceitos e, portanto, da filosofia, e é traçado pelo filósofo tendo como elementos: o tempo e o lugar em que vive suas leituras, suas afinidades e desavenças” (ASPIS; GALLO, 2009, p. 39).

Deleuze e Guattari (2013), afirmam que a criação de conceitos parte da reflexão filosófica sobre a realidade, e a organização conceitual não pode ser considerada como uma tarefa sem fim, sempre protelada a sua aplicação, no fazer filosófico não existe meio e fim, são os acontecimentos que constitui o solo da Filosofia, ou seja, “[...] sua terra ou sua desterritorialização, sua fundação sobre as quais ela cria seus conceitos. Ambos são necessários, criar conceitos e instaurar o plano, como duas asas ou duas nadadeiras” (DELEUZE; GUATTARI, 2006, p.52).

Não se pode afirmar que a Filosofia é comunicativa, contemplativa e reflexiva, criadora ou revolucionária, por viver constantemente criando novos conceitos, isso depende de uma necessidade ou uma estranheza, tendo o objetivo de responder os problemas, uma vez que “o conceito é o que impede que o pensamento seja uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma tagarelice. Todo conceito é forçosamente um paradoxo” (DELEUZE, 2006, p.174). Segundo a análise de Aspis e Gallo (2009, p. 40), “[...] é preciso experimentá-la. Se a filosofia é uma atividade, só aprendemos filosofia quando experimentamos, quando praticamos a atividade filosófica”, de acordo com os filósofos, filosofia é criação e atividade, não se pode conhecê-la de forma passiva.

Existe a necessidade de atenção para os conceitos filosóficos que se encontram em diálogo, já que não se objetiva um produto comum. No ensino filosófico se busca instigar o pensamento dos educandos para que eles sejam capazes de usarem a filosofia para responder a questionamentos reais, que interpelam a realidade humana em todos os tempos, sejam eles clássicos, medievais e contemporâneos, sempre duvidando de verdades absolutas, deste modo:

Na “oficina filosófica” em que se torna a aula nessa dimensão, cada aluno procurará então, manejando essas diferentes ferramentas, recriar conceitos ou mesmo criar novos conceitos que possam iluminar o problema colocado. Produzir o acontecimento, através dessa experiência, dessa aventura do pensamento, criando conceitos que sejam importantes, interessantes e instigantes, pelo menos para aqueles que ali estão: nisso consistirá a aula

de filosofia, se tomarmos a perspectiva da filosofia como atividade de criação conceitual (ASPIS; GALLO, 2009, p. 42).

Vale ressaltar que criar conceitos não se considera com algo simples, na criação de um conceito filosófico se faz necessário um amplo conhecimento e intenso contato com a Filosofia. Na oficina filosófica se busca instigar os estudantes, se traduz em uma tentativa de convencê-los, de reafirmar que eles são capazes de criar, de responder a um questionamento, pensando no que de fato faz sentido para ele.

Através do ensino/aprendizagem da Filosofia é que possivelmente se constrói o pensamento criativo. Isso não implica em uma tentativa de transformar cada estudante em filósofo, mas sim de proporcionar acesso a um conhecimento que é historicamente definido como a raiz de todas as ciências.

Faz-se necessário a criação de aulas interativas e dinâmicas com a intenção de articular as problemáticas filosóficas que existem na literatura, com os problemas que os estudantes vivenciam no seu dia-a-dia.

Como educador, cada profissional da educação precisa repensar os seus planos de aula, pois antes de seguir os temas abordados pela história da Filosofia, seria necessário partir do desejo dos alunos, é por meio da tentativa de instaurar um problema que projetamos um trajeto filosófico capaz de mobilizar o pensamento. Reconhecemos que é difícil escolher um problema filosófico comum a uma turma, mas devemos buscar um problema que possa ser interessante para todos, isto cabe a interação de educador e educando, pois depende da motivação dos alunos e da articulação do professor despertar o interesse dos alunos e tornar o estudo dialogado e bastante proveitoso.

A participação e liderança do professor nesse processo é importantíssima, pois ele deve propor e conduzir um problema que possa ser investigado a partir da história da filosofia, clarificando filosoficamente as colocações, opiniões e soluções propostas pela turma.

O professor poderá utilizar o problema a ser abordado para introduzir e estimular a leitura de textos filosóficos; cabe ao professor selecionar os textos que poderão ser debatidos, proporcionando a interação dos alunos com os termos técnicos e conceitos utilizados na filosofia. O educador poderá utilizar outros recursos para sensibilizar a atenção e desenvolver o problema.

O professor sempre deverá planejar como suas aulas serão ministradas observando a experiência da turma, pois assim será possível pensar o que usar e como usar, para melhor desenvolvimento e assimilação do conteúdo estudado. Assim, concebemos a Filosofia como um processo de criação, sobretudo criação de saídas alternativas, reflexão sobre o modelo hegemônico de vida proposto pela escola como instituição disciplinar, pela sociedade de controle e pelo modelo econômico em que vivemos.

Os educadores precisam repensar sobre o ensino da Filosofia, buscando métodos que evitem o máximo possível ser apenas mera transmissão de conteúdos, buscando promover a experiência do filosofar criativo, partindo das experiências em sala de aula, dos problemas sociais e dialogando com os textos clássicos da Filosofia, ou outras produções culturais como cinema, música, programas televisivos, conteúdos da internet que possibilitem a construção e compreensão do pensar.

Para a promoção de um bom ensino o professor precisa ter domínio da história da Filosofia e saber dialogar. Não basta os alunos terem conhecimentos

sobre os filósofos, é necessário que eles possam usar as teorias desses filósofos e pensar as questões e os conceitos desenvolvidos, dialogando com o mundo em que vivem e interrogando os seus próprios pensamentos, pois não podemos deixar de considerar que existe um valor formador que é próprio do pensamento filosófico.

Como aponta Tassin (1986), na Filosofia se ensina a pensar de forma especulativa, se distinguindo de outras disciplinas científicas através da capacidade de universalização do pensamento. Tal valor formativo está na valorização da leitura, a subjetivação que instiga ao questionamento de um problema, através de técnicas, argumentações e raciocínios que despertam interrogações conceituais. De acordo com o autor, a disciplina de Filosofia implanta uma distância crítica voltando a si própria como tarefa de compreensão da nossa relação com o mundo.

[...] a questão do valor formador da filosofia fica deslocada: a filosofia a nada forma senão a si própria: em nada é formadora para outra coisa. A filosofia forma a tudo, é formadora absolutamente, visto que é “o conhecimento da totalidade em seus graus formando sistemas”, interrogando em si as ciências e as práticas, segundo a verdade especulativa das mesmas (TASSIN, 1986, p. 3).

Diante do exposto por Tassin, o educador precisa ser cuidadoso ao preparar suas aulas, pois não se pode realizar um debate em sala, sem critérios, só porque o determinado assunto seja interessante aos educandos.

Deve-se compreender de acordo com a especificidade da Filosofia realizando um fazer filosófico, uma experiência filosófica com a participação da história da Filosofia de forma dinâmica, sem que pareça uma simples explicação de conteúdo.

Compreende-se a Filosofia como a capacidade de problematizar questões, porém teremos que a abordar de forma pessoal e criativa, buscando sempre a criação de conceitos que sirvam para pensar a própria realidade.

Não bastam introduzir questões relacionadas ao nosso cotidiano, como nossa vida ou nossa história, as questões existenciais precisam ser transformadas em questões filosóficas, porque se faz necessário serem respondidas, debatidas e pensadas. Para Deleuze e Guattari (2006, p.101) “mesmo a história da filosofia é inteiramente desinteressante se não propuser a despertar um conceito adormecido, a relançá-lo numa nova cena, mesmo a preço de voltá-lo contra ele mesmo”.

É através do processo de subjetividade que surge a aprendizagem, em forma de invenção de si, pois a invenção de si possui relação consistente e é próprio da invenção do próprio mundo de quem filosofa, notadamente “ao invés de responder problemas à aprendizagem surge como processo de invenção de problemas” (KASTRUP, 2005, p.1257).

Deleuze e Guattari (2006) destacam que podemos experimentar novas formas de compreender o mundo, mas para que isso seja uma realidade possível, a educação não pode ser pensada como processo único de transmissão de saberes já previamente estabelecidos e tomados isoladamente, mas como o aprender como experiência. Larrosa nos faz refletir sobre o processo do saber construído a partir da experiência:

[...] O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo” (LARROSA, 2002, p. 27).

O ensino de Filosofia pode ser apresentado como apropriação do mundo, pois [...] se há algo que podemos chamar de subjetivação filosófica, isto é, que alguém em um processo de aprendizagem assume a atitude de interpelar os saberes (e não simplesmente reproduzi-los) "(CERLETTI, 2009, p.92), de forma que quando alguém pensa, portanto, se pensa em relação com os conhecimentos e as práticas que são dominantes

Para Deleuze (2006), aprender é um processo vivo que transcorre entre o não saber e o saber. Dessa forma não se prioriza o resultado, mas o próprio processo que é sempre renovado e recomeçado. "E, finalmente, a aprendizagem está, antes de qualquer coisa, do lado do rato no labirinto, ao passo que o filósofo fora da caverna considera somente o resultado" (DELEUZE, 2006, p. 238).

É por meio do pensamento que se procura e se projeta respostas, por meio de uma violação do que se acreditava ser a verdade (DELEUZE, 2013). Toda a vida das pessoas é composta por signos, tempo, sentimentos, pessoas, objetos e lembranças, não podendo prever quais desses signos afetam os corpos, pois "nunca se sabe como uma pessoa aprende, mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos" (DELEUZE, 2013, p. 21).

O professor precisa refletir sobre o ensino imprevisível, para se propor algo, "[...], mas, tudo o que vai acontecer é imponderável, pois depende da ação dos alunos, não se pode controlar, estão vivos, eles terão de fazer" (ASPIS, 2009, p.129). Neste sentido a compreensão do aprendizado deve ser ampliada:

É importante pensar que o aprender não passa apenas por uma relação racional, mas sensível, um ensino que esteja atento à vida. Trata de despertar uma atitude filosófica, de fazer filosofar, através dos conteúdos, através das metodologias e das técnicas empregadas, inclusive através do desenvolvimento de aptidões e procedimentos peculiares da filosofia e dos esforços para filosofar na aula (LANGÓN, 2003, p. 92).

Na compreensão "de Langón" a prática do filosofar não deve se limitar a buscar um resultado, mas priorizar a experiência de vivenciar a Filosofia em sala de aula. Pois durante esse processo são incontáveis o uso e o sentido que serão despertados nos alunos. Exigindo do professor pensar, planejar e desenvolver suas aulas de maneira criteriosa, a partir de problemas que estimulem muito mais o pensar do que atingir um determinado objetivo, um ponto de chegada para ser avaliado.

Para que essa prática pedagógica seja alcançada é preciso que o ensino concebido como um produto a ser entregue precisa ser desconstruído e abandonado. A educação precisa afastar-se da ênfase apenas nas palavras dos mestres e dos livros, mas também dialogar com as experiências; o mestre deixar de ser um mero explicador, para se tornar um participante que por ter mais experiência assume a liderança. Sabemos que existem dificuldades, porém devemos tentar traçar planos que atentem para um ensino filosófico dessa natureza.

4 OS DESAFIOS PARA O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Um problema relacionado ao ensino da Filosofia diz respeito a sua própria definição, pois como assinalam mestres experientes "o primeiro enfrentamento está direcionado ao definir filosofia para os educandos e como ela é útil para nossa atualidade, teríamos como resposta a não aceitação em óbvios, idéias, fatos, situações, os valores, os comportamentos de nossa existência". (CHAUI, 2008,

p.17). É mais fácil constatar que a Filosofia está presente em toda história da humanidade, e tem bastante utilidade nas reflexões sérias e sistemáticas de qualquer área da racionalidade em suas diversas complexidades, porém sua definição é sempre problemática.

A Filosofia contribui de forma decisiva para uma formação humana sólida, pois é através da Filosofia que se pode compreender criticamente temas fundamentais da ética, estética e política que são necessários para qualquer cidadão. Assim, a Filosofia proporciona a compreensão da inter-relação das áreas do saber e capacita o indivíduo para sua integração no âmbito educacional e social.

Esse argumento supracitado se fortalece ao considerarmos que “tanto a epistemologia genética de Piaget quanto o socioconstrutivismo de Vygotsky, que apesar de suas diferenças são considerados teorias interacionistas, afirmam que é por meio de interações que os seres humanos se desenvolvem e aprendem” (MATTAR, 2009 p.113). Assim, a interação possibilita aos educadores construir uma prática filosófica integrada com a vida social, a vivência educacional e as perspectivas profissionais. Proporcionar um ensino prazeroso e realizar ações que beneficiem a ampliação do não observado pelos educandos, traduz-se na:

[...] inserção de novas possibilidades comunicativas, a conectividade, a troca de informações em rede, características do nosso tempo, demonstram que o sujeito já não se encontra ali localizado num espaço-tempo” (COUTO, 2010, p. 28).

Diante do desafio de ensinar Filosofia na educação básica, aprendemos que neste processo pedagógico se faz necessário discutir e utilizar a reinvenção no âmbito educacional, “precisamos trocar idéias em vez de ditar, precisamos debater temas em vez de discursar, precisamos trabalhar com o educando e não sobre ele, pois a imposição de ordens apenas alia-se e não se acolhe (FREIRE, 2003, p.104).

Se os educandos precisam de um pensar autêntico, os educadores não podem agir como repassadores de receitas e normas que muitas vezes são guardadas na memória dos educandos, mas esses não conseguem vivenciar posteriormente, isso acontece devido o educando não ter realizado esforço de recriação e de procura.

O ensino de Filosofia precisa ser elaborado de forma que proporcione ao adolescente analisar e compreender a realidade do cotidiano e possa ser um transformador usando suas críticas e entendendo seus valores, dando um novo significado àquelas realidades que são vivenciadas, percebendo uma utilidade no conhecimento filosófico.

De acordo com Fialho (2003), que ressalta as rupturas paradigmáticas na contemporaneidade, se faz necessário aflorar novos olhares sobre os acontecimentos, sobre os saberes, sobre os indivíduos. Uma concepção direcionada ao significar ou repensar que possa permitir um entendimento, uma verdadeira mudança das complexas estruturas das escolas de Ensino Médio no Brasil. Essa mudança depende da escola e dos docentes proporcionarem métodos ou maneiras para um ensino inovador, evitando aulas conteudistas e apresentando ao educando todas as possibilidades de indagação, reflexão e inter-relação com os saberes apresentados no currículo de Ensino Médio.

Freire (2011) afirma que “o ensino e a pesquisa não andam dissociados da prática docente. Todavia, os desafios da manutenção e atualização desses conhecimentos específicos se consolidam como um desafio a ser superado”. Assim, se configura a necessidade de uma interface dos conhecimentos específicos com a

realidade percebida pelo educando, é preciso dar sentido ao conhecimento, um indivíduo que não seja capaz de vivenciar sua historicidade é vazio.

O educando precisa vivenciar suas capacidades de entender, e buscar conhecimentos e ser capaz de dialogar sobre a situação social como também saber usar suas críticas e opiniões de forma consciente do seu papel na sociedade. A identidade do professor está baseada na articulação entre os saberes das áreas específicas, com os saberes pedagógicos e os saberes da experiência. Mediante esta fundamentação os professores/educadores têm a capacidade de realizar e refazer sua práxis docente, isto só poderá acontecer mediante o domínio dos conteúdos trabalhados em sala de forma direta e/ou indireta fundamentando o fazer docente.

Kohan e Gallo (2000) argumentam que para se ensinar Filosofia é necessário buscar entender o sentido deste ensino e apresentar a utilidade deste ensino para o indivíduo. Como na atualidade tudo é mercantilizado ou comercializado, incluindo os saberes, o ensino da Filosofia deve ser relacionado com a aquisição de algumas habilidades que facilitam a inserção do indivíduo no mercado de trabalho. E como as empresas exigem dos seus empregados soluções criativas, inovadoras e revolucionárias, pois isto implica em lucro, a Filosofia é um tipo de saber que proporciona de modo sistemático a aquisição dessas habilidades.

5 O ENSINO DE FILOSOFIA COMO POSSIBILIDADE

Através dos estudos realizados sobre o espaço ocupado pela Filosofia na educação básica no Brasil, se pode compreender os motivos políticos e econômicos que determinam a exclusão ou inclusão da Filosofia como disciplina nos parâmetros curriculares. Essa compreensão é importante para se nortear a reflexão sobre a atual situação da Filosofia como também sobre sua forma de ensino.

Como promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5.692/71, a educação apresentou novas mudanças tanto pedagógicas, quanto estruturais de grande significação, gerando impacto em relação à perspectiva profissionalizante para o ensino. Houve um substancial esvaziamento das disciplinas ligadas às ciências humanas. Isso acarretou na falta de obrigatoriedade do ensino da Filosofia, porém se faz necessário formar mão de obra com qualificação para trabalhar no setor industrial, com a popularização do ensino as escolas estão recebendo alunos pertencentes a várias classes sociais, observa-se que os modelos tradicionais de ensino se encontram desproporcionais à realidade social e cultural destes novos alunos.

Mediante o disposto na lei n. 5.692/7 foi alterado com a promulgação da lei n. 7.044/82, que instituiu no 2º grau a formação profissionalizante, instituindo um viés que está direcionado na preparação para o trabalho, tornando necessária a inclusão de Filosofia no currículo educacional, porém de forma optativa, devido aos exames do ENEM as instituições necessitam de reestruturação no ensino de Filosofia para que pudesse responder às expectativas dos novos perfis dos alunos.

Com a ampliação da obrigatoriedade à educação básica, assegurada pela Emenda Constitucional n. 59 de 2009, crianças, jovens e adolescentes entre os 4 até os 17 anos de idade precisam estar frequentando uma instituição de ensino. Passando a obrigatoriedade do ensino da Filosofia no ensino médio, como sabemos a maioria dos alunos no ensino médio buscam oportunidades de concluir o ensino médio, como forma de abertura para um curso profissionalizante, isso se torna uma aprendizagem obrigatória, estão em busca de chances para serem inseridos no

mercado de trabalho, percebe-se que falta o anseio de conhecimento propriamente dito. As aulas de Filosofia são apresentadas pela primeira vez, levando o aluno a questionar sobre o porquê destas aulas e quais contribuições elas podem oferecer, isso torna necessário a experiência de ser professor de Filosofia.

É fundamental no ensino da Filosofia trazer um estudo vivo e voltado para o nosso cotidiano e que possamos refletir a partir de nossas aulas uma problemática relacionada com o nosso presente, daí se afirmar que “ensinar filosofia exige também fazê-la, praticá-la, vivê-la” (KOHAN, 2009, p.31).

Diante desta perspectiva, filósofo e professor de Filosofia são inseparáveis, pois no ensino de Filosofia se faz um intercâmbio que parte do diálogo com sua história e se projeta para além dos conceitos produzidos pelos filósofos:

[...] um professor que apenas reproduza, que apenas diga de novo aquilo que já foi dito não é, de fato, um professor de filosofia; o professor de filosofia é aquele que dialoga com os filósofos, com a história da filosofia e, claro, com os alunos, fazendo da aula de filosofia algo essencialmente produtivo (KOHAN; GALLO, 2000, p.182).

O educador-filósofo precisa pensar filosoficamente, ultrapassando o que foi pensado, sempre em reflexão sobre seu papel de professor e como devem ser ministradas suas aulas, que tipo de educando se deseja futuramente, buscando analisar se sua prática contribuirá para mudanças futuras. Por fim, se o professor admite sua ignorância, como deve ser, vai em busca de novos conhecimentos que possa contribuir para um ensino melhor e de qualidade.

Para se viver de forma filosófica é preciso o conhecimento, o reconhecimento e a aceitação da sua ignorância, pois através dela se é capaz de pensar em outras possibilidades, pensar em outras concepções, sempre buscando analisar-se sobre opiniões e crenças:

[...] a ignorância sabe, o saber ignora; o ignorante sabe; o sábio ignora. Tamanho sacrilégio. A ignorância não é o que parece, somente uma negatividade, pode ser todo o contrário, a afirmação que torna possível o saber, o pensamento, enfim, uma vida digna para os seres humanos. (KOHAN, 2009, p. 25-26).

As possibilidades são muitas, atualmente temos as tecnologias que poderão proporcionar meios de projetarmos aulas com riquíssimos conteúdos que instigará o educando a participar de forma satisfatória e criar caminhos para um debate onde o educando possa apresentar suas críticas e opiniões, adquirindo novos conhecimentos e que sintam o prazer de que está faltando algo para esclarecer suas dúvidas.

A Filosofia não está direcionada apenas ao despertar da consciência crítica do mundo e a consciência moral, ela será bastante útil, pois poderá contribuir como processo para criar saídas ao modelo de vida e de educação dominantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo realizado por meio de pesquisa bibliográfica e estágio pedagógico, percebeu-se que os docentes têm um caminho palmilhado de desafios, mas desafios que indicam a existência de um espaço que poderá ser ocupado em instituições educacionais para a educação básica. Dependendo da maneira como essa experiência docente seja realizada, a Filosofia poderá tornar-se uma disciplina fundamental para a constituição de um processo de educação que consiga romper

as barreiras da mercantilização, do tecnicismo e da alienação política e ideológica, pois a reflexão e o pensar serão sistematicamente desenvolvidos.

Sabemos que a Filosofia no Ensino Médio foi reduzida, desprestigiada e por fim abolida da grade curricular. Atualmente a Filosofia passou a ser uma disciplina obrigatória no Ensino Médio, o que implica uma enorme responsabilidade, pois ela precisa reconstruir o seu prestígio, como um saber do campo das humanidades que é indispensável para a formação crítica e autônoma do cidadão já a partir do ensino Médio.

A Filosofia é uma área do conhecimento que contribui para o desenvolvimento da civilização ocidental desde a antiguidade clássica, e poderá continuar contribuindo para a construção de uma sociedade dotada de cidadãos mais esclarecidos, capazes de analisar e superar preconceitos, projetar e buscar politicamente modificar as nossas estruturas de privilégios e dominação que atrasam o nosso desenvolvimento como sociedade.

Na prática docente do ensino de Filosofia reconhecemos que o docente se depara com muitos desafios, principalmente devido os alunos acharem que é uma disciplina sem valor e as aulas serem chatas, esse é um entrave que leva ao professor muita preocupação e muitas vezes achar que será impossível trabalhar os conteúdos nas salas do 1º ano ao 3ºano do Ensino Médio. Porém diante dos desafios se encontra as grandes possibilidades.

No entanto, compreendemos que enquanto educadores precisamos refletir sobre como preparar os educandos para torná-los críticos e autônomos, sendo coautores do aprendizado, de forma que não permaneçam na atitude de meros recebedores de conteúdos, mas construtores de saber. O educando precisa ser motivado pelo seu educador, pois ele tem essa grande responsabilidade em relação ao ensino filosófico. Vimos que é possível, se procurar problematizar o que vai ser trabalhado e apresentar aos alunos de forma dinâmica e acentuando a importância para o senso crítico deles. Usar a compreensão da temática partindo do pensamento dos filósofos (nesta etapa a história da filosofia exerce um papel fundamental), e por fim, a conceitualização que consiste em recriar o pensamento filosófico, nesta fase o pensamento do aluno é interpelado para se tornar autônomo. Assim, a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceitualização não é um desafio e uma tarefa que diga respeito somente ao professor e ao aluno, mas envolve todo o sistema de ensino.

Criando situações que favoreçam aos alunos possibilidades de desenvolver o seu senso crítico, os incentivando sobre a importância da reflexão filosófica como uma maneira de se conceber novas possibilidades para a realidade e para a ação, seja na sua dimensão social, político e econômica, a Filosofia poderá encontrar uma justificação para o seu ensino como disciplina obrigatória. Além do mais, o conhecimento filosófico se caracteriza como um saber capaz de proporcionar uma inter-relação com as demais áreas do conhecimento, pois desde os primórdios ela foi constituída como modelo para toda especulação racional. Por fim, o exercício do filosofar que transforma em conteúdo de reflexão as diversas realidades vividas pelos educandos, provocando diálogos abertos, momentos lúdicos de experiências criativas, transformadoras e revolucionárias, formará cidadãos que constroem um sentido para a própria vida, e constituem seu papel como sujeitos na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ASPIS, Renata Pereira Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia – um livro para professores**. São Paulo: Alta Mídia e Educação, 2009.
- BRASIL, Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases Nacionais**. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL, Lei 11.684/08. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislação/93696/lei11684-08>. MEC, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. Ed. Ática: São Paulo: 2008.
- CERLETTI, A. **O Ensino de Filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito; **Identidades contemporâneas: a experimentação “eus” no Orkut**. *IN*: COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito; organizadores. *A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais*, Salvador: EDUFBA, 2010.p. 13 – 32.
- DELEUZE, G.; GUATTARI. **Diferença e repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2ª edição Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI. **O que é filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.
- DIMENSTEIN, Gilberto; STRECKER, Heider; GIANANTI, Álvaro Cesar; **Dez lições de Filosofia para um Brasil cidadão**, São Paulo: FTD, 2008.
- FIALHO, Nadia Hage, **Campos do saber: território e universidade**. Salvador: Editora UNEB, 2003.
- FREIRE, Paulo; **Educação como prática de liberdade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo; **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- HORN, G. B. **A presença da filosofia no currículo do Ensino Médio brasileiro: Uma perspectiva histórica**. In: GALLO, S.; KOHAN, W. O.; (Org.). *Filosofia no ensino médio*. Volume VI. Petrópolis: Vozes, 2000. p.17-33.
- KASTRUP, V. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol.26, n.93, p.1257-1272, set. /dez. 2005.
- KOHAN, W. O. **Filosofia: O paradoxo de aprender e ensinar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- KOHAN, Walter Omar; GALLO, Sívio. (Org.). **Filosofia no Ensino Médio**. 2ª. ed. Vozes: Petrópolis, 2000.

LANGÓN, M. **Filosofia do ensino de filosofia**. In: GALLO, S; CORNELLI, G; DANELON, M. (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, 2002.

MATTAR, João. **Interatividade e aprendizagem** IN: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (organizadores) Educação a distância o estudo da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil 2009. P. 112- 120.

PLATÃO. **A república**. Tradução Ciro Mioranza, São Paulo: Lafonte, 2019.

TASSIN, E. **“O valor formador” da filosofia**. In: DERRIDA, J. La greve des philosophes. Paris, Osiris, Tradução Renata Maria Cordeiro. 1986.